

Sobre a relação entre pedagogia e revolução¹

Wolfdietrich Schmied-Kowarzik*

Todas as abordagens socialistas e humanistas da pedagogia que se referem a Marx partem da idéia de que as relações sociais contemporâneas de exploração da classe trabalhadora e de injustiça social, por princípio, só podem ser superadas de modo revolucionário. Contudo, “práxis revolucionária”, já no próprio Marx, quer dizer mais do que apenas a pura conquista do poder do Estado. Também a Revolução Russa foi apresentada, inicialmente, na perspectiva socialista de uma revolução das relações tradicionais de opressão, uma perspectiva que, todavia, na realidade de uma nação econômica e culturalmente atrasada, rapidamente se esgotou e se transformou, parcialmente, também, através do processo de industrialização recuperado, em seu contrário.

No oeste da Europa, não só as coalizões social-democratas como também as correntes marxistas do movimento dos trabalhadores apostaram, inicialmente, num intenso processo de conscientização das massas; o fato de que

esse processo não tenha sobrevivido deve-se, antes de tudo, à brutalidade dos movimentos nacionalistas e fascistas contrários a tal. Em 1919, Rosa Luxemburgo, líder teórica de um comunismo do Oeste europeu, foi assassinada. Em 1926, na Itália, os fascistas aprisionaram Antônio Gramsci, que, devido a isso, morreu em 1937. A partir de 1934, também os austromarxistas foram eliminados. Somente anos depois da Segunda Guerra Mundial e da morte de Stálin, em alguns países do Oeste europeu as correntes marxistas

* Doutor, professor da Universidade de Kassel – Alemanha.

¹ Traduzido por Robinson dos Santos, doutorando na Universidade de Kassel, bolsista do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). Revisão do Prof. Dr. Hans-Georg Flickinger. Título original: “Vom Zusammenhang von Pädagogik und Revolution”. Este texto encontra-se no livro do autor *Kritische Theorie und revolutionäre Praxis* (Bochum, 1988) e ainda em *Befreiung und Menschlichkeit. Texte zur Paulo Freire*, organizado por Joachim Dabisch e Heinz Schulze (München, 1991). Encontram-se também traduzidos para a língua portuguesa outros dois livros de Schmied-Kowarzik, a saber, *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*, Ed. Brasiliense, e *Práxis e responsabilidade*, Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

tas encontraram um caminho próprio de volta ao comunismo.

Acrescenta-se a isso, no entanto, que nesse meio tempo os trabalhadores das nações industrializadas do Oeste – talvez sem saber e querer isso – participaram da exploração capitalista dos países do Terceiro Mundo, chegando, com isso, a uma relativa prosperidade. Desse modo, eles, em sua maioria, não estão mais interessados em transformações revolucionárias radicais.

Assim, não surpreende que, ao lado de alguns poucos teóricos marxistas da revolução no Oeste da Europa, as abordagens revolucionárias muito mais claras provenham do Terceiro Mundo. No âmbito da pedagogia, deveria ser mencionado aqui, sobretudo, o brasileiro Paulo Freire, em cuja revolucionária “pedagogia do oprimido” são assumidas referências a Marx, Rühle e Gramsci, além de motivos de outras posições socialistas, como estímulos de Martin Buber, e, finalmente, também de correntes cristãs e humanistas muito fortes da América Latina.

Paulo Freire é, certamente, um dos mais significativos pedagogos do nosso século (XX). Infelizmente, não podemos aqui adentrar em todos os aspectos de sua concepção libertadora e dialógica da educação. Nós queremos, antes, nos limitar àquela parte de sua pedagogia do oprimido em que ele se preocupa de modo fundamental com a relação entre educação e revolução. Através dessa análise, Paulo Freire provocou a retomada de uma perspec-

tiva revolucionária na discussão do Oeste da Europa. O maior significado prático da abordagem pedagógica de Freire reside, naturalmente, na concepção da “alfabetização política”, como, entretanto, em vários países do Terceiro Mundo – apesar da perseguição política e da repressão – foi e continuará sendo posta em prática.

Toda a pedagogia que sabe de sua missão humanista e socialista de emancipação deve ser hoje uma pedagogia do oprimido. Nenhum pedagogo – conforme acentua Freire – que toma a sério seu trabalho educativo pode esquivar-se do compromisso revolucionário da libertação do oprimido. Desde sempre, vem sendo a humanização das relações humanas “problema central do ser humano”; desde os movimentos de emancipação burgueses, toda a ação política e pedagógica do ser humano diante do ser humano está comprometida por princípio com esse objetivo.

Contudo, hoje nós sabemos que também as relações sociais burguesas e seus reinantes que aí chegaram ao seu grande poder econômico e à influência política se opõem a uma outra humanização e, até mesmo, colaboram de modo ativo na desumanização do homem. Ao mesmo tempo, nós sabemos que o próprio “fenômeno da desumanização, enquanto realidade histórica”, foi produzido pela práxis humana, por sua vez reproduzida permanentemente através dos mecanismos de opressão existentes. No entanto, é também, por princípio, através da práxis humana que ele pode ser de

novo superado. Sem essa perspectiva na possível mudança histórica da realidade, qualquer “luta pela humanização, pela libertação do trabalho, pela superação da alienação, pela afirmação do homem como pessoa... seria sem sentido. Esta luta é somente possível porque a desumanização, embora um conjunto dos fatos concreto e histórico, não é nenhuma determinação inevitável, senão o resultado de uma ordem injusta”.

Seria, no entanto, uma ilusão acreditar e esperar que as relações desumanizantes pudessem ser superadas passo a passo seja por meio do progresso técnico-científico no desenvolvimento social, seja através do conhecimento e concessões dos dominantes, que ganham com essas relações. A “ordem social injusta” da sociedade capitalista não é meramente resultado de uma divisão social injusta das riquezas, capaz de ser equilibrada através da compensação política e pedagógica, senão germinada na base econômica da produção e da reprodução da própria sociedade burguesa. Só os oprimidos – como afirma Freire – podem superar as relações de opressão e, na verdade, não como indivíduos, mas através da força coletiva de seu levantamento.

Todavia, essa subversão revolucionária das relações reinantes conduz para a definitiva abolição de toda a repressão somente quando “os oprimidos, na busca de recuperar sua humanidade..., por seu lado não se tornam opressores dos opressores, senão antes de tudo reestabelecem a humanidade de ambos. Esta é, pois, a grande tarefa

humanista e histórica dos oprimidos: libertar a si mesmos assim como seus opressores” (PdU,² 56).

Ora, aqui parece estar localizada uma contradição, pois Freire acentua, de um lado, que a libertação só pode ter êxito numa subversão revolucionária, o que necessariamente implica o consentimento quanto ao recurso à força contra o opressor; de outro lado, exige a não-recaída na libertação opressora de todos os homens. Contrastando tanto com a ação de tornar tabu qualquer força revolucionária, quanto com a absolutização leninista da ditadura do partido, Paulo Freire procura elaborar sua concepção da necessária conexão entre revolução e pedagogia. Contra a política e pedagogia burguesas que recomendam aos oprimidos a ausência de força (não-violência) e a parceria social com os opressores, Freire objeta que eles se colocam – talvez sem saber – a serviço da manutenção das relações de opressão, pois velam as causas verdadeiras da violência e da opressão: “Violência está sendo fomentada por aqueles, que oprimem, que exploram, que esquecem de reconhecer o outro como pessoa – mas não por aqueles que são oprimidos, explorados e não são reconhecidos” (PdU, 56).

Seja qual for o motivo, esses humanistas de ilusionismo verbal adotaram o ponto de vista do opressor, para o qual cada incômodo de sua vida privilegiada provindo da revolta dos oprimidos apareceu como violenta interferência em seu direito legítimo, tamanha é sua indignação diante do poder revolucionário dos dominados.

A tal humanismo verbal e ilusionista, que predomina hoje na política civil e na pedagogia, Freire opõe-se decididamente: para ele, não pode haver nenhuma parceira do oprimido com seu opressor, enquanto a opressão reinante continua, pois cada aliança apenas conserva e renova esta.

Uma pedagogia do oprimido que conhece essas relações deve ser partidária consciente do oprimido; ela entende-se como momento da luta revolucionária que está exigida no presente, ainda que, e justamente porque, seu objetivo seja, através dessa luta, a conquista de uma convivência humana que pode prescindir dessa luta e que se transforma numa pedagogia da permanente, livre e solidária estruturação da práxis humana. Uma verdadeira pedagogia humanista não pode tornar-se hoje outra coisa a não ser a ativa defesa da libertação dos oprimidos. “Solidariedade exige que a pessoa se coloque na situação daquele com quem se é solidário” (PdU, 45).

Com isso, entretanto, nós chegamos à segunda diferenciação, a saber, do modelo leninista da revolução e da liderança pelo partido. Justamente porque se trata de os oprimidos tornarem-se sujeitos de sua própria libertação, a pedagogia do oprimido não pode, por sua vez, voltar a servir-se do método manipulador do controle, da minoridade, também não quando a manipulação explicitamente deve servir para a futura liberdade, pois através de tal procedimento impede aquilo que busca realizar. “Mas onde homens já estão desumanizados por

causa da opressão, que padecem, também aí o processo de sua libertação não pode empregar o processo da desumanização... Propaganda, Negócio, Manipulação – todos representam apenas armas da dominação – estes não podem ser instrumentos de sua re-humanização” (PdU, 68).

Como a pedagogia visa à libertação dos oprimidos, que só acontece pela autolibertação daqueles, precisam ser encontrados modelos de condução pedagógica que não degenerem numa direção alheia daqueles que devem ser libertados através de seus líderes pedagógicos e políticos, senão que libertem entre os oprimidos um processo de conscientização e de resolução autodeterminação. Isso implica uma “pedagogia, que tem de ser configurada com os oprimidos e não para eles (indivíduos ou os povos em seu conjunto), em constante luta pela a recuperação de sua humanidade. A pedagogia faz da opressão e de suas causas o objeto da reflexão dos oprimidos, reflexão esta da qual resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação. É na luta que esta pedagogia se produzirá sempre de novo” (PdU, 44).

A fundação aqui indicada de uma pedagogia a partir da tarefa revolucionária da “re-humanização do homem” torna simultaneamente visível o “eminente caráter pedagógico da revolução”. Enquanto dois momentos da libertação do ser humano, educação e revolução são, pois, ligados um ao outro de maneira incondicionada. A educação contribui para a libertação

dos oprimidos somente onde for entendida e traçada como momento revolucionário-cultural da luta política, e a revolução consegue realmente a libertação dos oprimidos onde leva, de modo pedagógico, para sua autolibertação. “Gerando-se nas condições objetivas, a revolução busca superar a situação opressora com a instauração de uma sociedade de homens em processo de permanente libertação. O sentido pedagógico, dialógico, da revolução, que dela faz uma ‘revolução cultural’ tem de acompanhá-la em todas as suas fases. E esta qualidade pedagógica é um dos meios mais eficientes de evitar que o poder revolucionário se institucionalize, estratificando-se em ‘burocracia’ contra-revolucionária” (PdU, 158).

Com essas observações fundamentais sobre a relação dialética entre uma pedagogia e uma política revolucionárias, Paulo Freire não remete novamente de modo imediato às “teses sobre Feuerbach” de Karl Marx, mas leva adiante também pensamentos posteriores, desenvolvidos nos anos 20 e 30 do século XX por Max Adler, Otto Rühle e Antônio Gramsci.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pädagogik der Unterdrückten*. Stuttgart, 1971.

_____. *Pädagogik der Solidarität*. Wuppertal, 1974.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *Kritische Theorie und revolutionäre Praxis. Konzepte und Perspektiven marxistischer Erziehungs- und Bildungstheorie*. Bochum, 1988. (266-272).

Nota

- ² A sigla “PdU” utilizada pelo autor e a respectiva numeração correspondem à *Pädagogik der Unterdrückten*, tradução alemã da *Pedagogia do Oprimido*.